

# Interfaces: Michel Maffesoli, teórico da Comunicação

## RESUMO

O texto é uma parecer sobre as idéias de Michel Maffesoli, sociólogo da comunicação, que faz um contraponto entre comunicação e informação. É uma leitura da atmosfera da nossa época e das relações pós-modernas. Maffesoli tenta compreender, fora dos imperativos morais, a comunicação como "cimento social" numa época de crise das velhas certezas e de desabamento das antigas utopias políticas que, através da promessa do paraíso futuro terreno, serviam de "cola" social para os indivíduos socialmente desamparados.

## ABSTRACT

This text discusses the ideas of Michel Maffesoli, a sociologist who writes about contemporaneous social communication and who differentiates between that and information. Leaving aside moral imperatives, Maffesoli regards the role of communication as that of a social cement in our present postmodern age which no longer believes in old political utopies nor in future paradises on earth for everybody.

## PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

- Teorias da comunicação (*Communication theories*)
- Imaginário (*Imaginary*)
- Pós-modernidade (*Postmodernity*)

Juremir Machado da Silva\*

Prof. Dr. Coordenador do PPGCom - FAMECOS / PUCRS

MICHEL MAFFESOLI, que completou 60 anos em novembro de 2004, é um dos autores franceses contemporâneos mais traduzidos no Brasil, com cerca de 15 livros publicados por editoras brasileiras. Nas Faculdades de Comunicação, Michel Maffesoli é cada vez mais uma referência, um nome obrigatório, seja por ter formado doutores que trabalham em muitos dos nossos programas de Pós-Graduação, seja por aparecer constantemente nas bibliografias de dissertações e de teses de nossos estudantes, ou como autor adotado e estudado em disciplinas de graduação e de pós-graduação.

O que é a comunicação? Fala-se de era da informação e da comunicação. Mas o que isso significa realmente? Ou seria virtualmente? Há diferenças substanciais entre informação e comunicação? Estudar esses fenômenos quer dizer, antes de tudo, focalizar o problema de uma hegemonia da mídia na construção dos imaginários contemporâneos? Reduzir a comunicação à mídia, mesmo se esta desempenha um enorme papel na vida cotidiana deste começo de milênio, mostra-se bastante simplista e precário. Não faltam sociólogos da informação para descrever e decifrar as sociedades das antigas e das novas tecnologias de produção e de difusão de bens simbólicos. Mas a comunicação vai além da técnica e enfatiza valores e investimentos emocionais que ultrapassam amplamente a troca de signos ou de informações no sentido utilitário do termo.

A comunicação é um laço social. Michel Maffesoli tem mostrado que, ao contrário do imaginado, o principal da comunicação é o contato, o simples "colocar em relação", a chamada função "fática". Já na informação o essencial é o conteúdo, o valor operativo, funcional, de um dado fornecido

a um receptor. Responder à questão “o que é a comunicação?” significa apostar numa leitura global de uma época fragmentada e marcada por tudo quanto é tipo de contato e de relações. Este é um mundo no qual tudo se toca, cruza, mistura, liga, confunde e faz fronteira. Mesmo os antagonismos podem ser complementares.

Nesse universo de mestiçagem o fanatismo apresenta-se como o último grito de desespero de um desejo de pureza que se tornou impossível e imoral. A comunicação é uma forma de vida social, de “impureza” fundamental, um modo de existir baseado no relacional. Tudo é permeável. Mais do que um conjunto de mensagens disseminados por meios diversos, massivos, a comunicação é um modo de vida partilhado socialmente que dá o tom e a atmosfera da nossa época. Comunicar implica ir ao encontro do outro, sair de si, buscar a interface, atuar na zona de interação.

Por que Michel Maffesoli se tornou, sem o pretender, um autor importante para a Sociologia da Comunicação ensinada nos principais centros brasileiros de discussão sobre esse tema? Hipótese: porque Maffesoli é o principal sociólogo da comunicação, talvez o único, a praticar, realmente, uma sociologia compreensiva da comunicação, ou seja, a mergulhar nos fenômenos complexos da comunicação (tudo aquilo que vai da mídia às formas de interação interpessoal) sem se submeter a uma lógica do “dever-ser”. Em síntese, Maffesoli percebe a comunicação como uma forma sensível da vida social contemporânea e tenta compreender, fora dos imperativos morais, como ela serve de “cimento social” numa época de crise das velhas certezas e de desabamento das antigas utopias políticas que, através da promessa do paraíso futuro terreno, serviam de “cola” social para os indivíduos socialmente desamparados.

Não se entra em comunicação, necessariamente, para dizer algo. Não se entra em comunicação, obrigatoriamente, para expressar um conteúdo. Entra-se em comunicação para “se” dizer alguma coisa e assim comungar, estabelecer uma vida

em comum. A bem da verdade, Michel Maffesoli nunca se apresenta como sociólogo da comunicação e utiliza muito pouco esse termo. Trata-se, valha a “boutade”, de um sociólogo da comunicação “malgré lui même”, como o personagem de Molière que fazia prosa sem o saber. Uma sociologia compreensiva da comunicação não pode resumir-se a uma sociologia da mídia. Por isso mesmo, nesse espaço intersticial, relacional, interpessoal, Michel Maffesoli pode ocupar um lugar na reflexão sobre o papel da comunicação nas sociedades pós ou hiper-modernas.

Para mostrar como se pode imaginar esse lugar de Michel Maffesoli no universo teórico da comunicação, a partir da sua obra, basta lembrar que “tribalismo”, um dos seus termos mais utilizados e mais prospectivos para compreender as sociedades contemporâneas, enfatiza a idéia de encontro, de gregarismo, e o desejo de estar juntos dos jovens da nossa época. De resto, “estar-junto” é outra expressão que Maffesoli forjou, disseminou e transformou em ferramenta incontornável para olhar com mais acuidade as formas de participação e de comunicação no imaginário comunitário da pós-modernidade nascente.

Michel Maffesoli não gosta de falar em conceito. Prefere estar em sintonia (outra palavra do dicionário da comunicação) ou em sinergia com o concreto do cotidiano, ou seja, com a evidência da vida de todos os dias e de todo mundo. Apesar disso, ele é um extraordinário criador, ou utilizador, de palavras, usadas como metáforas, para melhor compreender o cotidiano reencantado da pós-modernidade, que pode ser vista como um fenômeno global de comunicação, caracterizada pelo tribalismo, pelas identificações fugazes e pelo estar-junto hedonista, aquém ou além do racionalismo moderno e do individualismo atomizante denunciado pelos críticos da sociedade de consumo e da indústria cultural.

Quase todos os termos caros a Maffesoli, espalhados pela sua rica e extensa obra, remetem à comunicação: tribalismo, sociali-

dade, religião, estar-junto, efervescência social, ideal comunitário, orgiástico, dionisíaco, conjunção social, comunhão, laço social, cultura do sentimento, nomadismo, imaginário (que para ele é sempre social), contraditorial (as terminações em “al” significam para ele interações orgânicas, intensas e profundamente sentidas em comum), “coincidentia oppositorum”, jogo social, formismo, sinergia, harmonia conflitual, diversidade, equilíbrio de antagonismos, aparência, teatralidade, estilo, vitalismo, aura, ética do estético, socialidades eletivas, sinceridades sucessivas, redes, politeísmo, proxemia, pluralismo, cimento social, cola do mundo, empatia, preeminência do todo, nomadismo comunitário, pluralidade da persona, conflito estrutural, jogo duplo, fusão, atração, instante, presenteísmo, trágico, vida social, vivido, senso comum, divino social, força imaginal, identificação (fluida, em oposição à rigidez da identidade), subterrâneas, “nós” fusional, “ambiência”, comunhão virtual, compreensão, hedonismo, relativismo, narcisismo, festa, potência, “carpe diem”, barroco, tato, razão sensível, hibridismo.

Comunicar é tocar, falar, fundir-se com o outro, pôr-se em relação, festejar, soltar-se, entregar-se a um vitalismo estruturador do social, na contramão do funcionalismo produtivista e da razão castradora. Comunicar é viver na marcha de cada dia a pluralidade de pessoas de que cada um é constituído. Comunicar é passar de identificação em identificação, fora da noção de identidade imutável, na busca do prazer, da sinergia, da sintonia, da comunhão, da conjunção social, do estar-junto que permite viver intensamente o “fantástico do cotidiano”. Comunicar é escolher a potência ao poder, e o hedonismo ao culto do sacrifício. Comunicar, na linguagem dos jovens de agora, é “ficar”. Mas esse “ficar” é oposto da permanência. É um ficar que passa. Enfim, comunicar é religar, associar, ligar, estabelecer laços sociais, vibrar juntos, participar de uma atmosfera, tornar concreta uma “ambiência”, mergulhar em relações gregárias e sempre abertas a outros.

Tudo é comunicação na obra de Michel Maffesoli. Tanto que ele não precisa falar de comunicação, do termo em si, para chamar a atenção dos interessados na comunicação como fenômeno relacional. Comunicação, não pelos meios, mas como fim. Maffesoli não está interessado em emissores, receptores, canais, efeitos, impacto, manipulação ou crítica de mídia. Comunicação para ele é socialidade, aquilo que faz com a sociedade não se dissolva no vácuo da lucidez extrema e da depressão. Na pós-modernidade, a socialidade assume o papel de protagonista e ganha o primeiro plano no palco do vivido cotidiano. Portanto, a cena pós-moderna constitui-se pela comunicação como desejo e prazer de um estar-junto válido em si mesmo, como um ritual não formalizado da vibração em comum.

Adorno e Horkheimer, na outra ponta das leituras sobre comunicação, autores, de resto, muito citados por Maffesoli, pilares da Escola de Frankfurt, esse bastião da crítica à sociedade de massa e à indústria cultural, viam no prazer um sinal de resignação — “o prazer favorece a resignação que, em princípio, ele deve ajudar a esquecer”<sup>1</sup>. Maffesoli pensa o contrário: o prazer faz parte desse “carpe diem”, do trágico social, que ajuda a resistir à violência uniformizadora do sistema. Trata-se de uma forma social que não pode ser reduzida à lógica da produção, pois não é mais, mas comunicação como fim.

Em certo sentido, Michel Maffesoli, leitor de Georges Bataille, privilegia a ação de consumir-se (dissipação vitalista) ao consumismo (mercantilização produtivista do mundo). Consumir-se é estabelecer laço social: comunicar. Consumir é isolar-se do mundo numa atitude individualista. Não é o caso aqui de mapear as influências de Michel Maffesoli (Simmel, Weber, Nietzsche, Bataille, Gilbert Durand, etc.). Basta dizer que Maffesoli fala como alguém que se coloca dentro, fundido com o objeto, nunca fora, num metaponto de vista de julgamento ou de objetividade. Ele quer fazer parte daquilo de que fala. Deseja mostrar (não

demonstrar), descrever (não prescrever), valorizar (não julgar), compreender (não necessariamente explicar), comunicar (não imperativamente informar), conectar-se.

Com Michel Maffesoli, portanto, passa-se da sociologia crítica, que pretende fornecer uma moral ao mundo e estabelecer-lhe um “dever-ser”, à crítica da sociologia, abertura para uma sociologia da orgia, descritiva, etnográfica, encantada, irônica, aberta, como uma grande reportagem, uma “narrativa do vivido”, uma leitura compreensiva do existente capaz de estar atenta ao cimento do nosso mundo: a comunicação. Quando tudo parece levar para a dissolução, a comunicação serve de cola e tudo se equilibra na instabilidade de cada “instante eterno”. Como diz Maffesoli, “et pourtant ça tient” (apesar de tudo isso se mantém, resiste, persiste, segura-se).

Num livro menos conhecido, *Le mystère de la conjonction* (*O Mistério da conjunção*), Maffesoli retoma algumas das suas idéias principais e de caráter comunicacional: “Essa poderia ser a minha hipótese central: o paradigma estético é o elemento que permite englobar uma constelação de ações, de sentimentos, de ‘ambiências’ específicas do espírito dos tempos modernos. Tudo aquilo que diz respeito ao presenteísmo, ao senso de oportunidade, tudo aquilo que remete à banalidade e à força agregativa. Numa palavra, a ênfase no *carpe diem*, hoje novamente em voga, tem na matriz estética um lugar privilegiado”<sup>2</sup>.

A pós-modernidade, segundo Maffesoli, é essa ascensão do *homo estheticus*. Homem da comunicação. Situação de religação que favorece as “conexões”, “correspondências”, interfaces, cruzamentos, ou, conforme uma expressão tomada de empréstimo a A. Riegl, uma “conexidade tátil”. Correspondências, conexão, religação, conexidade tátil: comunicação. De resto, nesse mesmo livro, Maffesoli publica um dos seus textos mais charmosos, no qual, finalmente, a palavra comunicação escapa-lhe: “A mesa como lugar de comunicação”. Um delicioso tratado de gulodice intelectual e de sofisti-

cação social que não se pode deixar de provar.

“Durante um jantar, os guardanapos, os talhares, o lugar dos convidados, os rituais da mesa, as conversas e o serviço, tudo isso cria ao mesmo tempo proximidade e distância; está junto, mas de uma maneira que confirma a diferença e a hierarquia. *Coincidentia oppositorum*. É isso que faz, como observa um comentarista especializado do fenômeno culinário, do jantar “um ato social fundamental na medida em que proporciona aos seus participantes uma experiência impressionante das relações sociais, fixando solidamente a coesão, mas fazendo, momentaneamente, desaparecerem os limites e os desníveis...”<sup>3</sup>. O mesmo é válido para muitos outros rituais sociais entre os quais o futebol. Num estádio, durante um jogo, há, por alguns instantes, uma eliminação, pela coesão aparentemente total, dos limites e dos desníveis. A hierarquia, contudo, nunca desaparece. Como se sabe, um estádio de futebol é dividido em camadas (arquibancadas inferiores, superiores, geral, camarotes, populares, sociais) que, já pelos preços diferenciados dos ingressos, separam os espectadores.

Compreender essas relações complementares e antagônicas, fronteiriças, de interface, pelas quais a comunicação se dá, embora sem, necessariamente, superar todos os obstáculos, tem sido o grande desafio de Michel Maffesoli. É uma forma de evidenciar a diversidade cultural e de mostrar que a construção dos imaginários sociais é sempre obra coletiva e com múltiplas entradas. Todo o trabalho de Maffesoli para indicar que tudo é comunicação, mas ao mesmo tempo que a comunicação não pode ser reduzida ao trabalho da mídia ou de um emissor hegemônico. Em outras palavras, Michel Maffesoli parece sugerir que a comunicação é sempre uma subversão, um ruído, um desvio, uma infinidade de “trajetos antropológicos” desaguando em “bacias semânticas” abertas formadas pela confluência de rios, riachos, lagos, mares e oceanos.

“A comunicação de que se fala aqui não é unicamente verbal, ainda que a palavra ocupe nisto um lugar de destaque, mas um sistema total, um misto de palavras, de objetos e de gestos que remetem a uma *poética globalizante*”<sup>4</sup>. Isso que Maffesoli retira da observação de um jantar pode, facilmente, ser estendido aos demais rituais sociais, ao vivido cotidiano e a todas as situações que favorecem o estar-junto como forma de encontrar prazer ou conforto na conjunção, na partilha de sentimentos, no encontro e, por extensão, na comunicação. Assim como existe o crítico de mídia e o sociólogo crítico da comunicação, tomando-se Maffesoli como referência, pode-se imaginar um sociólogo compreensivo da comunicação como poética globalizante do cotidiano, um narrador do vivido como relação e interface, um etnógrafo da sociedade como edifício que se mantém pelo contato e pelo diálogo.

Intelectual marginal (que vê nas margens o essencial do que faz sociedade), Michel Maffesoli entende que uma sociedade se faz menos pelo que diz do que fato de ser dizer constantemente algo. Foi assim que ele descobriu a cultura brasileira — com todas as suas misturas, barroca, mestiça, contraditória — e soube, até mais do que muitos intelectuais brasileiros, compreender a força dessa singularidade, dessa diversidade, dessa convivência de contrastes, dessa comunicação virulenta. Comunicação que se expressa pela mídia, pelas telenovelas, pelos canais dominantes, mas também pelos subterrâneos dos imaginários populares, na profundidade das aparências do cotidiano •

## Referências

ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M. *La Dialectique de la Raison*. Paris, 1974.

MAFFESOLI, Michel. *Logique de la Domination*. Paris, PUF, 1976 [Lógica da dominação. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1978].

\_\_\_ *La Violence Totalitaire*. Paris, PUF, 1979 [A Violência totalitária. Porto Alegre, Sulina, 2000].

\_\_\_ *La Conquête du Présent. Pour une Sociologie de la Vie Quotidienne*. Paris, PUF, 1979 [A Conquista do presente. Rio de Janeiro, Rocco, 1984].

\_\_\_ *L'Ombre de Dionysos*. Paris, Klincksieck, 1982 [À Sombra do Dionísio. Rio de Janeiro, Graal, 1985].

\_\_\_ *La Connaissance Ordinaire - Précis de Sociologie Compréhensive*. Paris, Librairie des Méridiens, 1985 [O Conhecimento comum. São Paulo, Brasiliense, 1988].

\_\_\_ *Essais sur la Violence Banale et Fondatrice*. Paris, Méridiens, 1988 [Dinâmica da violência. São Paulo, Vértice, 1987].

\_\_\_ *Le Temps des Tribus - Le Déclin de l'Individualisme dans les Sociétés de Masse*. Paris, Meridiens Klincksieck, 1988 [O Tempo das tribos. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987].

\_\_\_ *Au Creux des Apparences. Pour une Ethique de la Esthétique*. Paris, Plon, 1990 [No Fundo das aparências. Petrópolis, Vozes, 1986].

\_\_\_ *La Transfiguration du Politique - La Tribalisation du Monde*. Paris, Grasset, 1992 [A Transfiguração do político. Porto Alegre, Sulina, 1997].

\_\_\_ *La Contemplation du Monde - Figures de Style Communautaire*. Paris, Grasset, 1993 [A Contemplação do mundo. Porto Alegre, Artes & Ofícios, 1995].

\_\_\_ *Eloge de la raison sensible*. Paris, Grasset, 1996 [Elogio da razão sensível. Petrópolis, Vozes, 1998].

\_\_\_ *Du nomadisme, vagabondages initiatiques*. Paris, Le Livre de Poche, 1997 [Do Nomadismo. Rio de Janeiro, Record, 2001].

\_\_\_ *Le mystère de la conjonction*. Paris, Fata Morgana, 1997.

\_\_\_ *L'Instant éternel*. Paris, Denoël, 2000 [O Instante eterno. São Paulo, Zouk, 2003].

\_\_\_ *La part du diable, précis de subversion postmoderne*. Paris, Flammarion, 2002 [A Parte do diabo. Rio de Janeiro, Record, 2004].

\_\_\_ *La part du diable, précis de subversion postmoderne*. Paris, Flammarion, 2002 [A Parte do diabo. Rio de Janeiro, Record, 2004].

## Notas

---

\* Juremir Machado da Silva é professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS. Doutor em Sociologia pela Universidade Paris V, René Descartes, Sorbonne, onde foi orientado por Michel Maffesoli. Pesquisador do CNPq. Romancista, ensaísta, tradutor e jornalista, publicou, entre outros livros, *Anjos da perdição - futuro e presente na cultura brasileira* (Porto Alegre, Sulina, 1996 – *Le Brésil, pays du présent*. Paris, Desclée de Brouwer, 1999), *A Miséria do jornalismo brasileiro* (Petrópolis, Vozes, 2000) e *As Tecnologias do imaginário* (Porto Alegre, Sulina, 2003).

- 1 ADORNO, T. e HORKHEIMER, M. *La Dialectique de la raison*. Paris, 1994, p. 151. A tradução do fragmento é minha.
- 2 MAFFESOLI, M. *Le Mistère de la conjonction*. Paris, Fata Morgana, 1997, p. 86.
- 3 Idem, p. 119.
- 4 Ibid., p. 123.